

Tradução do russo de CN, 18.12.2009 (edição provisória)

História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)

Breve curso

Sob redacção da comissão do CC do PCU(b)

Aprovado pelo CC do PCU(b)

1938

Capítulo VI

O partido dos bolcheviques no período da guerra imperialista.

A segunda revolução na Rússia (1914 - Março de 1917)

1. Origem e causas da guerra imperialista.

Em 14 (27) de Julho de 1914, o governo tsarista decretou a mobilização geral. A 19 de Julho (1 de Agosto), a Alemanha declarou guerra à Rússia.

A Rússia entrou em guerra.

Muito antes do início da guerra, Lénine e os bolcheviques tinham previsto a sua inevitabilidade. Nos congressos internacionais dos socialistas, Lénine apresentou propostas no sentido de definir a linha de conduta revolucionária dos socialistas no caso de a guerra eclodir.

Lénine referiu que a guerra é um companheiro indefectível do capitalismo. O saque de territórios estrangeiros, a conquista e espoliação de colónias, a dominação de novos mercados tinham servido mais que uma vez de motivo aos estados capitalistas para guerras de anexação. A guerra é para os países capitalistas um fenómeno tão natural e legítimo como a exploração da classe operária.

As guerras tornaram-se inevitáveis sobretudo nos finais do século XIX e princípios do século XX, quando o capitalismo passou definitivamente à fase superior e última do seu desenvolvimento – o imperialismo. No imperialismo as poderosas associações de capitalistas (monopólios) e os bancos adquiriram uma importância decisiva na vida dos estados. O capital financeiro tinha-se tornado o dono dos estados capitalistas, e exigia novos mercados, a conquista de novas colónias, novos destinos para a exportação de capitais e novas fontes de matérias-primas.

Todavia, nos finais do século XIX, o território do planeta já estava todo repartido entre os estados capitalistas. Ao mesmo tempo, na época imperialista, o capitalismo desenvolve-se de um modo extremamente desigual e por saltos: certos países, que antes estavam em primeiro lugar, desenvolvem a sua indústria com relativa lentidão, outros, que antes eram países atrasados, alcançam-nos e ultrapassam-nos com saltos rápidos. A correlação de forças económicas e militares dos estados imperialistas alterou-se. Surgiu a aspiração a uma nova partilha do mundo. A luta por uma nova partilha do mundo tornou inevitável a guerra imperialista. A guerra de 1914 foi uma guerra de partilha do mundo e esferas de influência, que há muito era preparada pelos estados imperialistas. Os seus responsáveis foram os imperialistas de todos os países.

A guerra foi especialmente preparada de um lado pela Alemanha e a Áustria, e do outro pela França, a Inglaterra e pela Rússia que dependia deles. Em 1907 surgiu a Tripla Entente ou Entente, aliança entre a Inglaterra, a França e a Rússia. A outra aliança imperialista era composta pela Alemanha, a Áustria-Hungria e a Itália. Contudo a Itália saiu desta aliança no início da guerra e juntou-se mais tarde à Entente. A Alemanha e a Áustria-Hungria eram apoiadas pela Bulgária e a Turquia.

Nesta guerra imperialista, a Alemanha aspirava a retirar as colónias à Inglaterra e à França, bem como a Ucrânia, a Polónia e os países do Báltico à Rússia. A construção pela Alemanha do caminho-de-ferro de Bagdad¹ era uma ameaça ao domínio da Inglaterra no Próximo Oriente, e os ingleses viam também com receio o aumento dos armamentos navais germânicos.

A Rússia tsarista estava interessada na divisão da Turquia, sonhando com a conquista dos estreitos que ligam o Mar Negro ao Mediterrâneo (os Dardanelos) e com a anexação de Constantinopla. Os planos do governo tsarista incluíam também a conquista da Galícia que pertencia à Áustria-Hungria.

Através da guerra a Inglaterra esperava destruir a Alemanha, o seu perigoso concorrente, cujas mercadorias estavam a desalojar cada vez mais os produtos ingleses do mercado mundial. Além disso, tencionava conquistar a Mesopotâmia e a Palestina à Turquia, e estabelecer-se solidamente no Egipto.

Os capitalistas franceses aspiravam conquistar à Alemanha as regiões ricas em carvão e ferro da bacia do Sarre e da Alsácia-Lorena, a qual lhes fora retirada na guerra de 1870-1871.

Deste modo, foram as grandes contradições entre dois grupos de estados capitalistas que conduziram à guerra imperialista.

Esta guerra de rapina pela nova partilha do mundo afectava os interesses de todos os países imperialistas, e por isso o Japão, os Estados Unidos e uma série de outros países vieram depois a envolver-se nela.

A guerra tornou-se mundial.

A guerra imperialista foi preparada pela burguesia no maior dos segredos à revelia dos seus povos. Quando deflagrou, cada governo imperialista tentou demonstrar que não tinha sido ele a atacar os países vizinhos, mas que era vítima da sua agressão. A burguesia enganava o povo, escondendo os verdadeiros objectivos da guerra, o seu carácter expansionista e imperialista. Cada governo imperialista declarou que se tratava de uma guerra pela defesa da pátria.

Os oportunistas sociais-democratas da II Internacional ajudaram a burguesia traindo vilmente a causa do socialismo, a causa da solidariedade internacional do proletariado. Não só não se manifestaram contra a guerra como, pelo contrário, ajudaram a burguesia a atizar os operários e os camponeses dos estados beligerantes uns contra os outros em nome da defesa da pátria.

Não foi nenhuma casualidade o facto de a Rússia ter entrado na guerra imperialista ao lado da Entente (da França e da Inglaterra). É preciso não esquecer que antes de 1914 as principais indústrias da Rússia estavam nas mãos do capital estrangeiro, sobretudo do capital francês, inglês e belga, ou seja, dos países da Entente. As empresas metalúrgicas mais importantes da Rússia estavam nas mãos de capitalistas franceses. Quase três quartos do sector metalúrgico russo (72 por cento) dependiam do capital estrangeiro. O quadro era o mesmo na indústria hulhífera do Donbass. Cerca de metade da extracção de petróleo estava sob controlo do capital anglo-francês. Uma parte considerável dos lucros da indústria russa saía para o estrangeiro, principalmente para os bancos ingleses e franceses. Todas estas circunstâncias, a que acrescem os empréstimos de milhares de milhões contraídos pelo tsar à França e à Inglaterra, amarraram o tsarismo ao imperialismo anglo-francês e transformavam a Rússia num país tributário, numa semicolónia destes estados.

¹ Este projecto da Alemanha, que previa uma ligação ferroviária desde Berlim até ao Iraque, foi formalmente rejeitado pela Inglaterra e pela França nos primeiros meses de 1903. (*N. do T.*)

Ao entrar na guerra, a burguesia russa calculava poder melhorar a sua situação: conquistar novos mercados, enriquecer com as encomendas e os fornecimentos militares, e de uma assentada esmagar o movimento revolucionário tirando partido da situação de guerra.

A Rússia tsarista não estava preparada para a guerra. A indústria estava fortemente atrasada em comparação com outros países capitalistas, as fábricas e empresas eram na sua maioria velhas e tinham os equipamentos gastos. A agricultura russa, caracterizada por um regime de propriedade semi-feudal e massas empobrecidas de camponeses arruinados, não podia servir de base económica sólida para uma guerra longa.

O tsar apoiava-se principalmente nos terratenentes feudais. Os grandes latifundiários das centúrias negras, aliados aos grandes capitalistas, dominavam o país e a Duma de Estado, e apoiavam inteiramente a política interna e externa do governo tsarista. A burguesia imperialista russa apostava na autocracia tsarista com um punho de ferro que lhe podia garantir por um lado a conquista de novos mercados e de novos territórios, e por outro o esmagamento do movimento revolucionário dos operários e camponeses.

O partido da burguesia liberal, os *kadetes*, fazia figura de oposição, mas apoiava sem reservas a política externa do governo tsarista.

Os partidos pequeno-burgueses, socialista-revolucionário e menchevique, disfarçados sob a bandeira do socialismo, ajudaram desde o primeiro momento a burguesia a enganar o povo e a ocultar o carácter imperialista e espoliador da guerra. Apregoavam a necessidade de defender a «pátria» burguesa contra os «bárbaros prussianos», apoiavam a política de «paz civil» e auxiliavam deste modo o governo do tsar a fazer a guerra, tal como os sociais-democratas alemães ajudaram o governo do kaiser a conduzir a guerra contra os «bárbaros russos».

Apenas o partido bolchevique permaneceu fiel à gloriosa bandeira do internacionalismo revolucionário, mantendo-se firmemente nas posições marxistas de luta resoluta contra a autocracia tsarista, contra os capitalistas e latifundiários, contra a guerra imperialista. Logo nos primeiros dias da guerra, o partido bolchevique afirmou que a guerra fora desencadeada não para defender a pátria, mas para anexar territórios e saquear povos estrangeiros no interesse dos latifundiários e capitalistas, e que os operários deviam decididamente fazer guerra a esta guerra.

A classe operária apoiou o partido bolchevique.

É certo que o delírio patriótico da burguesia, de que foram tomados no início da guerra os intelectuais e as camadas kulaques do campesinato, afectou também uma parte dos operários. Mas estes eram sobretudo membros da União do Povo Russo,² uma organização de malfeitores, e parte dos operários influenciados pelos socialistas-revolucionários e mencheviques, que, naturalmente, não reflectiam nem podiam reflectir o estado de espírito da classe operária. Precisamente estes elementos foram os que participaram nas manifestações chauvinistas da burguesia, organizadas pelo governo tsarista nos primeiros dias da guerra.

2. A passagem dos partidos da II Internacional para o lado dos seus governos imperialistas. A II Internacional desagrega-se em partidos separados sociais-chauvinistas.

Lénine preveniu várias vezes contra o oportunismo da II Internacional e a inconsistência dos seus líderes. Repetiu sem cessar que os líderes da II Internacional só em palavras eram contra a guerra, que no caso de a guerra eclodir poderiam mudar de posição e passar para o lado da burguesia imperialista, que poderiam tornar-se partidários da guerra. A previsão de Lénine confirmou-se logo nos primeiros dias da guerra.

Em 1910, no Congresso da II Internacional realizado em Copenhaga foi adoptada uma resolução que incumbia os socialistas de votar contra os créditos de guerra nos parlamentos. Durante a

² A União do Povo Russo foi a maior organização monárquica nacionalista criada pelas centúrias negras na Rússia tsarista. Existiu entre 1905 e 1917. (*N. do T.*)

guerra dos Balcãs, em 1912, o Congresso da II Internacional realizado em Basileia proclamou que os operários de todos os países consideravam um crime disparar uns contra os outros em prol do aumento dos lucros dos capitalistas. Era esta a posição em palavras nas resoluções.

Mas quando retumbou o trovão da guerra imperialista e se pedia a aplicação destas resoluções, os líderes da II Internacional revelaram-se traidores desleais ao proletariado e serventúrios da burguesia – tornaram-se partidários da guerra.

A 4 de Agosto de 1914, a social-democracia alemã votou favoravelmente no parlamento os créditos de guerra e o apoio à guerra imperialista. A esmagadora maioria dos socialistas em França, na Inglaterra, na Bélgica e noutros países fizeram o mesmo.

A II Internacional deixou de existir. Desagregou-se de facto em partidos sociais-chauvinistas isolados, que combatiam uns contra os outros.

Traindo o proletariado, os líderes dos partidos socialistas adoptaram as posições do social-chauvinismo e de defesa da burguesia imperialista, e ajudaram os seus governos a ludibriar a classe operária e a intoxicá-la com o veneno do nacionalismo. Sob a bandeira da defesa da pátria, estes sociais-traidores instigaram os operários alemães contra os franceses e os operários franceses e ingleses contra os alemães. Houve apenas uma minoria insignificante da II Internacional que se manteve nas posições internacionalistas e seguiu contra a corrente, é certo que sem grande convicção e determinação, mas ainda assim seguiu contra a corrente.

Somente o partido bolchevique de imediato e sem hesitações levantou a bandeira da luta decidida contra a guerra imperialista. Nas teses sobre a guerra, escritas no Outono de 1914, Lénine assinalou que a derrocada da II Internacional não foi uma casualidade. A II Internacional tinha sido destruída pelos oportunistas, contra os quais há muito que preveniam os melhores representantes do proletariado revolucionário.

Já antes da guerra que os partidos da II Internacional estavam contaminados pelo oportunismo. Os oportunistas professavam abertamente a renúncia à luta revolucionária e a teoria da «evolução pacífica do capitalismo para o socialismo». A II Internacional não queria lutar contra o oportunismo, defendia a pacificação com ele e permitiu-lhe que se fortalecesse. Praticando uma política de conciliação com o oportunismo, a própria II Internacional se tornou oportunista.

Com os lucros que retirava das colónias e da exploração dos países atrasados, a burguesia imperialista comprava sistematicamente as camadas superiores dos operários qualificados, a chamada aristocracia operária, através de salários mais elevados e outras prestações. Desta categoria de operários saíram muitos dirigentes de sindicatos e de cooperativas, deputados parlamentares e municipais, colaboradores da imprensa e funcionários das organizações sociais-democratas. No momento da guerra, receando perder as suas posições, estas pessoas tornaram-se adversários da revolução e nos mais fervorosos defensores da sua burguesia e dos seus governos imperialistas.

Os oportunistas tornaram-se sociais-chauvinistas.

Os sociais-chauvinistas – entre eles os mencheviques e socialistas-revolucionários russos – pregavam a *paz de classes* dos operários com a burguesia dentro do seu país, e a guerra com os outros povos de além fronteiras. Enganavam as massas escamoteando os verdadeiros responsáveis da guerra, declarando que a burguesia do seu próprio país não era culpada da guerra. Muitos sociais-chauvinistas tornaram-se ministros dos governos imperialistas dos seus países.

Não menos perigosos para a causa do proletariado eram os sociais-chauvinistas disfarçados, os chamados centristas. Os centristas – Kautsky, Trótski, Márto e outros – defendiam e justificavam os sociais-chauvinistas declarados, ou seja, traíam o proletariado juntamente com eles, encobrendo a sua traição com frases de «esquerda» sobre a luta contra a guerra pensadas para iludir a classe operária. Na prática os centristas apoiavam a guerra, uma vez que a sua proposta de não se votar contra os créditos de guerra e de se limitar à abstenção significava um apoio à guerra. Tal como os sociais-chauvinistas, também eles exigiam a renúncia à luta de classes durante a guerra, para não perturbar os respectivos governos imperialistas na condução da guerra. Em todas as questões importantes da guerra e do socialismo, o centrista Trótski esteve contra Lénine, contra o partido bolchevique.

Desde os primeiros dias da guerra, Lénine começou a juntar forças para a criação da nova III Internacional. Logo no manifesto contra a guerra, em Novembro de 1914, o Comité Central do partido bolchevique colocou a tarefa de fundar a III Internacional em substituição da II, que sofrera uma vergonhosa bancarrota.

Em Fevereiro de 1915, na conferência em Londres dos socialistas dos países da Entente, o camarada Litvínov,³ mandatado por Lénine, interveio para exigir a saída dos socialistas (Vandervelde,⁴ Sembat,⁵ Guesde⁶) dos respectivos governos burgueses da Bélgica e da França, a total ruptura com os imperialistas e a recusa de colaborar com eles. Exigiu que todos os socialistas travassem uma luta decidida contra os seus governos imperialistas e condenassem a votação dos créditos de guerra. Mas a voz de Litvínov não teve eco nesta conferência.

No início de Setembro de 1915, reuniu-se em Zimmerwald [Suíça] a primeira conferência dos internacionalistas. Lénine designou esta conferência como o «primeiro passo» no desenvolvimento do movimento internacional contra a guerra. Foi aí que formou o Grupo da Esquerda de Zimmerwald.⁷ Mas, neste grupo, apenas o partido bolchevique manteve até ao fim uma posição consequente contra a guerra. A Esquerda de Zimmerwald editou em alemão a revista *Vorbote* («Precursor»), que publicou artigos de Lénine.

Em 1916 foi possível reunir na aldeia suíça de Kienthal uma segunda conferência dos internacionalistas, que ficou conhecida como a II Conferência de Zimmerwald. Por esta altura, em quase todos os países surgiam grupos internacionalistas, acentuava-se a cisão dos elementos internacionalistas com os sociais-chauvinistas. Mas o mais importante era que as próprias massas tinham evoluído para a esquerda sob influência da guerra e das suas desgraças. O manifesto de Kienthal resultou de um acordo entre os diversos grupos que se confrontaram na conferência. Em comparação com o manifesto de Zimmerwald representou um passo a frente.

³ Maksíme Maksímovitch Litvínov (1876-1951), membro do partido desde 1898, do CC a partir de 1934. Participante na revolução de 1905-07, representante do partido no *Bureau* Internacional Socialista (1914), torna-se vice-comissário (1921) e comissário (1930-39) dos Negócios Estrangeiros da URSS. Foi representante da URSS na Liga das Nações (1934-38) e embaixador nos EUA (1941-43), voltando ao Ministério até 1946, ano em que se reforma. (*N. do T.*)

⁴ Émile Vandervelde, (1866-1938), professor universitário da cadeira de sociologia, foi um dos principais dirigentes do Partido Socialista Belga desde a sua fundação em 1885. Foi presidente do Bureau Socialista Internacional, destacando-se pelas suas posições de direita no panorama da época do socialismo europeu. Em 1900 pronunciou-se contra o reconhecimento imediato do direito de voto das mulheres, apesar de tal reivindicação constar no programa do seu partido. Em 1914 aceita participar no governo como ministro dos Negócios Estrangeiros, de 1918 a 1921 é ministro da Justiça e volta aos Estrangeiros entre 1925 e 1927. (*N. do T.*)

⁵ Marcel Sembat (1862-1922), advogado e jornalista adere ao Partido Socialista Revolucionário em 1897, o qual dá origem ao Partido Socialista de França, em 1902, designado em 1905 SFIO (Secção Francesa da Internacional Operária), de que se torna um dos mais destacados dirigentes. Entra para o governo em 1914 como ministro das Obras Públicas, cargo que mantém até 1916. No Congresso de Tours, em Dezembro de 1920, faz parte da minoria que se opõe à adesão à III Internacional. O partido passa a designar-se SFIC (Secção Francesa da Internacional Comunista), adoptando um ano depois o nome de Partido Comunista Francês. (*N. do T.*)

⁶ Jules Guesde (verdadeiro apelido Bazile) (1845-1922), jornalista e político radical, foi juntamente com Paul Lafargue um dos divulgadores do marxismo, marcado por influências de Blanqui e de Rousseau. De tal modo que, segundo Engels relata, Marx terá dito a propósito desse marxismo em França que «eu não sou marxista». Funda o Partido Operário, dito colectivista, em 1882, que se funde com o Partido Socialista Revolucionário para formar o Partido Socialista de França. Entre 1914 e 1916 entra para o governo como ministro de Estado e assume posições «patrióticas». (*N. do T.*)

⁷ O Grupo de Esquerda criado na Conferência de Zimmerwald era integrado pelos representantes do CC do POSDR, com Lénine à frente, da direcção territorial da Social-Democracia do Reino da Polónia e da Lituânia, do CC da Social-Democracia do Território Letão, da esquerda sueca (S. Höglund), da esquerda norueguesa (T. Nerman), da esquerda suíça (F. Platten), e do grupo Os Socialistas Internacionais da Alemanha (I. Borchardt). O grupo da esquerda de Zimmerwald travou na conferência uma intensa luta contra a maioria centrista. (*N. do T.*)

No entanto, também a conferência de Kienthal não aprovou as principais teses da política dos bolcheviques: a transformação da guerra imperialista em guerra civil, a derrota dos respectivos governos imperialistas durante a guerra, a constituição da III Internacional. Não obstante, a Conferência de Kienthal tornou possível a separação dos elementos internacionalistas, que mais tarde haviam de formar a III Internacional, a Internacional Comunista.

Lénine criticou os erros de internacionalistas inconsequentes oriundos da esquerda da social-democracia, tais como Rosa Luxemburgo⁸ e Karl Liebknecht,⁹ mas ao mesmo tempo ajudou-os a adoptar uma posição justa.

3. A teoria e tática do partido bolchevique nas questões da guerra, da paz e da revolução.

Os bolcheviques não eram meros pacifistas que suspiravam pela paz e se limitavam à sua propaganda, como fazia a maioria dos sociais-democratas de esquerda. Os bolcheviques defendiam a luta revolucionária activa pela paz até ao derrube do poder da burguesia imperialista beligerante. Ligavam a causa da paz à causa da vitória da revolução proletária, considerando que o meio mais seguro para acabar com a guerra e conquistar uma paz justa, uma paz sem anexações nem indemnizações, era o derrube do poder da burguesia imperialista.

Contra a renúncia dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários à revolução, e o seu slogan de traição sobre a manutenção da «paz civil» durante a guerra, os bolcheviques lançaram a palavra de ordem da «*transformação da guerra imperialista em guerra civil*». Este slogan significava que os trabalhadores, incluindo os operários e os camponeses armados, vestidos de soldados, deviam apontar as armas contra a sua burguesia e derrubar o seu poder, só assim poderiam livrar-se da guerra e alcançar uma paz justa.

Contra a política menchevique e socialista-revolucionária de defesa da pátria burguesa, os bolcheviques apresentaram a política de «*derrota do seu próprio governo na guerra imperialista*». Isto significava que era preciso votar contra os créditos de guerra, criar organizações revolucionárias clandestinas no exército, encorajar a confraternização dos soldados na frente e organizar acções revolucionárias dos operários e camponeses contra a guerra, transformando-as em insurreição contra o governo imperialista do seu próprio país.

Os bolcheviques consideravam que a derrota militar do governo tsarista na guerra imperialista era o menor dos males para o povo, uma vez que ela facilitaria a vitória popular sobre o tsarismo e o êxito da luta da classe operária pela libertação da escravidão capitalista e das guerras imperialistas. Além disso, Lénine considerava que a política de derrota do seu próprio governo imperialista devia ser adoptada não só pelos revolucionários russos, mas também pelos partidos revolucionários da classe operária em *todos* os países beligerantes.

Os bolcheviques não eram contra *qualquer* guerra. Eram unicamente contra a guerra anexacionista, a guerra imperialista. Os bolcheviques consideravam que há dois tipos de guerra:

a) a guerra *justa*, não anexacionista, emancipadora, que tem como fim seja a defesa do povo contra a agressão externa e as tentativas de subjugação, seja a libertação do povo da escravidão do

⁸ Rosa Luxemburgo (1871-1919), destacada personalidade do movimento operário alemão, polaco e internacional. Pertencendo à ala esquerda da II Internacional, integrou o grupo fundador do Partido Comunista da Alemanha (Dezembro de 1918), formado na base da Liga Espartaquista, criada em 1916 na sequência da cisão no SPD devido ao seu apoio à guerra imperialista. (*N. do T.*)

⁹ Karl Liebknecht (1871-1919), advogado, foi um dos fundadores do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) e do Partido Comunista Alemão (KPD). Em 2 de Dezembro de 1914 foi o único deputado do SPD que votou contra os créditos de guerra. Foi assassinado com Rosa Luxemburgo, em Berlim, em 15 de Janeiro de 1919, após o jornal do SPD *Vorwärts* ter oferecido 100 mil marcos de recompensa pelas cabeças dos dois revolucionários. (*N. do T.*)

capitalismo, seja, finalmente, a libertação das colónias e dos países dependentes do jugo dos imperialistas;

b) a guerra *injusta*, anexacionista, que tem como fim a ocupação e a subjugação de países e povos estrangeiros.

Os bolcheviques apoiavam o primeiro tipo de guerra. No que respeita ao segundo tipo de guerra consideravam que devia ser conduzida uma luta decidida contra ela, até à revolução e ao derrube do governo imperialista do respectivo país.

Os trabalhos teóricos de Lénine durante a guerra tiveram uma enorme importância para a classe operária do mundo inteiro. Na Primavera de 1916, Lénine escreveu *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Neste livro Lénine mostra que o imperialismo é o estágio superior do capitalismo, momento em que de «progressivo» se transforma em capitalismo parasitário, entra em decomposição, que o imperialismo é o capitalismo agonizante. Isto não significava, naturalmente, que o capitalismo se extinguiria por si mesmo, que sem a revolução proletária ele próprio cairia pela raiz. Lénine sempre disse que sem a revolução da classe operária não é possível derrubar o capitalismo. Assim, ao definir o imperialismo como o capitalismo agonizante, Lénine mostrou ao mesmo tempo nesta obra que «*o imperialismo é a véspera da revolução social do proletariado*»¹⁰.

Lénine mostrou que a opressão capitalista na época do imperialismo agrava-se cada vez mais, que nas condições do imperialismo cresce a indignação do proletariado contra os fundamentos do capitalismo, e desenvolvem-se os elementos de uma explosão revolucionária dentro dos países capitalistas.

Lénine mostrou que na época do imperialismo agudiza-se a crise revolucionária nas colónias e nos países dependentes, cresce a indignação contra o imperialismo e desenvolvem-se os elementos de uma luta de libertação contra o imperialismo.

Lénine mostrou que, nas condições do imperialismo, a desigualdade do desenvolvimento e as contradições do capitalismo se agudizaram, que a luta por mercados de escoamento de mercadorias e exportação de capitais, a luta por colónias e fontes de matérias-primas torna inevitáveis as guerras imperialistas periódicas por uma nova partilha do mundo.

Lénine mostrou que precisamente em consequência deste desenvolvimento desigual do capitalismo ocorrem guerras imperialistas, que debilitam as forças do imperialismo e tornam possível a ruptura da frente do imperialismo, lá onde ele se revela mais fraco.

Com base em tudo isto, Lénine concluiu que era perfeitamente possível ao proletariado romper a frente imperialista algures num ou em vários pontos, que era *possível* a vitória do socialismo, inicialmente em alguns países ou mesmo num só em separado, que a vitória simultânea do socialismo em todos os países era *impossível*, dada a desigualdade do desenvolvimento do capitalismo, que o socialismo venceria inicialmente num ou em vários países e que os restantes continuaria a ser burgueses durante algum tempo.

Eis a formulação desta conclusão genial, feita por Lénine em dois artigos diferentes, escritos durante a guerra imperialista:

1) «*A desigualdade do desenvolvimento económico e político é uma lei absoluta do capitalismo. Daí decorre que é possível a vitória do socialismo primeiramente em poucos países ou mesmo num só país capitalista tomado em separado. O proletariado vitorioso deste país, depois de expropriar os capitalistas e de organizar a produção socialista no seu país, erguer-se-ia contra o resto do mundo, capitalista, atraindo para o seu lado as classes oprimidas dos outros países.*»¹¹

2) «*O desenvolvimento do capitalismo realiza-se de modo extremamente desigual nos diferentes países. Nem pode ser de outra forma na produção mercantil. Daí decorre a indiscutível conclusão de que o socialismo não pode vencer simultaneamente em todos os países. Ele vencerá inicialmente num só ou em vários países, continuando os restantes a ser, durante certo tempo,*

¹⁰ *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, «Prefácio às edições francesa e alemã», 6 de Julho de 1920, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. cit., Lisboa, 1984, Tomo II, pág. 293. (*N. do T.*)

¹¹ «Sobre a palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa», publicado no jornal *Sotsial-Demokrat* n.º 44, de 23 de Agosto de 1915, idem, ibidem, ed. cit., Lisboa, 1984, Tomo II, pág. 271. (*N. do T.*)

*burgueses ou pré-burgueses. Isto deverá provocar não apenas atritos mas também a tendência directa da burguesia dos outros países para derrotar o proletariado vitorioso do Estado socialista. Em tais casos a guerra seria da nossa parte legítima e justa. Seria uma guerra pelo socialismo, pela libertação de outros povos da burguesia.»*¹²

Esta era uma *nova* teoria completa sobre a revolução socialista, sobre a possibilidade da vitória do socialismo em países separados, sobre as condições e as perspectivas desta vitória, teoria cujos pressupostos tinham sido delineados por Lênine já em 1905, na sua brochura *As Duas Tácticas da Social-Democracia na Revolução Democrática*.

Ela divergia na sua raiz da concepção que circulava entre os marxistas no período do capitalismo *pré-imperialista*, altura em que estes consideravam que a vitória do socialismo num qualquer único país era impossível, e que esta vitória ocorreria em simultâneo em todos os países civilizados. Com base nos dados sobre o capitalismo *imperialista*, expostos no seu notável livro *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, Lênine alterou radicalmente esta orientação ultrapassada e elaborou uma nova teoria, que considerava *impossível* a vitória simultânea do socialismo em todos os países, enquanto admitia como *possível* a vitória do socialismo num só país capitalista em separado.

A importância inestimável da teoria leninista sobre a revolução socialista reside não apenas no facto de ter enriquecido e feito avançar o marxismo. A sua importância consiste também em ter aberto uma perspectiva revolucionária aos proletários dos diferentes países, ter libertado a sua iniciativa para arremeterem contra as burguesias nacionais, lhes ter ensinado a utilizar a situação de guerra para organizarem essa investida, e fortalecido a sua convicção na vitória da revolução proletária.

Esta era a concepção teórica e táctica dos bolcheviques sobre as questões da guerra, da paz e da revolução. Foi com base nela que os bolcheviques desenvolveram o seu trabalho prático na Rússia.

Apesar da feroz perseguição policial, os deputados bolcheviques da Duma, Badáiev, Petróvski, Muránov, Samoílov e Chágov, iniciaram uma volta por uma série de organizações operárias intervindo sobre a atitude dos bolcheviques para com a guerra e a revolução. Em Novembro de 1914, o grupo bolchevique da Duma promoveu uma reunião para debater a questão da atitude em relação à guerra. No terceiro dia dos trabalhos todos os participantes foram presos. O tribunal suspendeu os direitos cívicos dos deputados bolcheviques e condenou-os à deportação para a Sibéria oriental. O governo tsarista acusou-os de «alta traição».

Neste processo foi revelado o quadro das actividades dos deputados bolcheviques, o qual honrava o partido. Os deputados bolcheviques comportaram-se corajosamente perante o tribunal tsarista, transformando o julgamento numa tribuna de denúncia da política anexacionista do regime.

Comportamento diferente teve Kámenev, que se viu envolvido no mesmo processo. Ao primeiro sinal de perigo, a sua cobardia fê-lo renegar a política do partido bolchevique, declarando ao tribunal que não concordava com os bolcheviques sobre a questão da guerra, e para o provar pediu que fosse chamado a testemunhar o menchevique Iordanski.¹³

Os bolcheviques realizaram um grande trabalho contra os comités da indústria militar,¹⁴ que serviam a guerra, e contra as tentativas dos mencheviques de submeterem os operários à influência

¹² «O programa militar da revolução proletária», publicado em Setembro e Outubro de 1917 no jornal *Jugend-Internationale*, n.ºs 9 e 10, V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., Lisboa, 1981, Tomo I, pág. 680. (*N. do T.*)

¹³ Nikolai Ivánovitch Iordanski (1879-1928), jornalista e publicista, aderiu ao movimento social-democrata no início do século XX. Menchevique, membro do I Soviete de Operários Deputados de Petersburgo, social-chauvinista na guerra. Após a Revolução de Outubro adere ao PCU(b) e é designado representante plenipotenciário na Itália em 1923. (*N. do T.*)

¹⁴ Os comités da indústria militar foram criados em Maio de 1915 por representantes do comércio e da indústria com o fim de coordenar esforços para assegurar os fornecimentos ao exército e dirigir a produção para as

da burguesia imperialista. A burguesia tinha um interesse vital em apresentar a guerra imperialista como uma causa de todo o povo. Durante o seu curso, ela alcançou uma grande influência nos assuntos de Estado, tendo criado a sua organização de toda a Rússia: as uniões de *zemstvos* e de cidades.¹⁵ Pretendia igualmente subordinar os operários à sua influência e direcção. Como meio para o conseguir projectou a criação de «grupos operários» no âmbito dos comités da indústria militar. Os mencheviques apoiaram esta ideia da burguesia, que via vantagens na participação de representantes dos operários nos comités da indústria militar, de modo a agitarem as massas operárias para a necessidade de intensificar a produtividade do trabalho nas fábricas de obuses, canhões, espingardas, munições e demais indústrias que trabalhavam para a Defesa. «Tudo para a guerra, todos na guerra», tal era o slogan da burguesia. Na realidade esta palavra de ordem significava: «Enriqueçamo-nos ao máximo com os fornecimentos de guerra e com a anexação de territórios». Os mencheviques tiveram uma participação activa nesta campanha pseudo-patriótica promovida pela burguesia. Auxiliando os capitalistas, fizeram uma intensa agitação entre os operários para que participassem nas eleições dos «grupos operários» dos comités da indústria militar. Os bolcheviques contrariaram estes intentos e conseguiram boicotar com êxito os comités da indústria militar. Apesar disso, uma parte dos operários participou nas actividades dos comités, sob a direcção do conhecido menchevique Gvózdiev¹⁶ e do provocador Abróssimov.¹⁷

Em Setembro de 1915, quando os delegados dos operários se reuniram para a eleição final dos «grupos operários», verificou-se que a maioria dos representantes se recusava a integrar estes organismos, fazendo aprovar uma contundente resolução contra a participação nos comités da indústria militar, na qual se declarava que os operários assumiam a tarefa de lutar pela paz e pelo derrubamento do tsarismo.

Os bolcheviques desenvolveram igualmente um grande trabalho no exército e na armada, esclarecendo as massas de soldados e marinheiros sobre quem eram os culpados pelos horrores inauditos da guerra e pelo sofrimento do povo, explicando que a revolução era a única via para a saída da guerra imperialista. Criaram células no exército e na armada, nas unidades da frente e da retaguarda, distribuíram folhetos com apelos contra a guerra.

necessidades da guerra. Com o apoio dos mencheviques e dos socialistas revolucionários, tentaram atrair os trabalhadores constituindo grupos operários no âmbito destes organismos. (*N. do T.*)

¹⁵ A União de *Zemstvos* de Toda a Rússia de Ajuda aos Doentes e Feridos e a União de Cidades de Toda a Rússia foram organizações constituídas pela burguesia e pelos latifundiários liberais em 1914, com o objectivo de ajudar o regime tsarista a organizar a retaguarda durante a I Guerra Mundial. Financiadas pelo Estado, estas organizações não tardaram a conquistar uma posição determinante na economia de guerra e a reivindicar uma correspondente influência política no governo. Em Setembro de 1915, os respectivos congressos reunidos em Moscovo exigiram a participação no governo de personalidades da burguesia e enviaram uma delegação ao tsar solicitando a renovação do governo. Vendo o seu poder disputado, o monarca proibiu o congresso conjunto das uniões de *zemstvos* e de cidade com os comités industriais militares, em Dezembro do mesmo ano. Alguns meses depois, os congressos das uniões de *zemstvos* e das uniões de cidade foram dissolvidos pela polícia. Porém, os seus líderes viriam a integrar o governo burguês na sequência da revolução de Fevereiro que depôs o tsar. Em Janeiro de 1918, o governo soviético determina a extinção destas uniões devido às suas actividades contra-revolucionárias de sabotagem e conspiração. (*N. do T.*)

¹⁶ Kuzma Antónovitch Gvózdiev (1882-?), operário, aderiu aos socialistas-revolucionários entre 1905 e 1907. Foi presidente do sindicato dos metalúrgicos de Petersburgo. Durante a guerra adopta as posições do social-chauvinismo, torna-se presidente do grupo operário do Comité da Indústria Militar (1915) e integra o governo provisório, como ministro do Trabalho, em Maio de 1917. Após a Revolução de Outubro ainda participa no governo provisório clandestino burguês, mas reconcilia-se com o poder soviético, sendo integrado, a partir de 1920, no Conselho Superior da Economia Nacional. Em 1931 é condenado por actividades contra-revolucionárias, permanecendo na prisão até 1956. O seu destino posterior é desconhecido. (*N. do T.*)

¹⁷ Vladímir Moisséievitch Abróssimov (1879-?), de origem camponesa, foi torneiro mecânico em Petersburgo, tendo aderido aos mencheviques. Em 1910 é recrutado pela polícia política tsarista (*okhranka*), que lhe dá o nome de código de «Charov», e é já nessa condição que é eleito para o comité da indústria militar. (*N. do T.*)

Os bolcheviques constituíram o Grupo Central da Organização Militar de Kronstadt, estreitamente ligado ao Comité de Petrogrado do Partido, no âmbito do qual foi criada uma organização militar para o trabalho nas guarnições. Em Agosto de 1916, o chefe da *Okhranka* de Petrogrado informou: «*No grupo de Kronstadt a actividade secreta é muito séria, e os seus membros são todas pessoas discretas e prudentes. Este grupo possui também representantes em terra*».

Na frente, o partido bolchevique fazia agitação pela confraternização entre soldados dos exércitos beligerantes, sublinhando que o inimigo era a burguesia mundial e que só se poderia pôr fim à guerra imperialista transformando-a em guerra civil, e apontando as armas contra as respectivas burguesias e governos. Repetiam-se com frequência crescente os casos de unidades que se recusavam a atacar. Factos deste tipo registaram-se logo em 1915 e sobretudo em 1916.

Os bolcheviques fizeram um trabalho particularmente importante nos exércitos da Frente do Norte, na região do Báltico. Em começos de 1917, o general Rúzski,¹⁸ comandante em chefe dos exércitos da Frente Norte, informou os superiores sobre a intensa actividade revolucionária desenvolvida pelos bolcheviques na sua Frente.

A guerra operou uma profunda mudança na vida dos povos e da classe operária internacional. Ela colocou em jogo o destino dos estados e dos povos, o destino do movimento socialista. Por isso foi ao mesmo tempo uma pedra de toque, um teste para todos os partidos e tendências que se auto-intitulavam socialistas. Permaneceriam estes partidos e tendências fiéis à causa do socialismo, à causa do internacionalismo ou optariam por trair a classe operária, arriar a sua bandeira e lançá-la aos pés da sua própria burguesia nacional? Era esta a questão que se colocava nesse momento.

A guerra mostrou que os partidos da II Internacional não resistiram ao teste, traíram a classe operária e arriaram a sua bandeira ante as suas burguesias nacionais imperialistas.

Outra não poderia ter sido a conduta destes partidos que cultivavam o oportunismo no seu seio, educados nas concessões aos oportunistas e aos nacionalistas.

A guerra mostrou que o partido bolchevique foi o único que superou honrosamente este teste e continuou até o fim fiel à causa do socialismo e do internacionalismo proletário.

É compreensível que assim tenha sido: só um partido de novo tipo, só um partido educado no espírito da luta intransigente contra o oportunismo, só um partido liberto do oportunismo e do nacionalismo podia superar esta grande prova e continuar fiel à causa da classe operária, à causa do socialismo e do internacionalismo.

O partido bolchevique foi precisamente esse partido.

4. A derrota das tropas tsaristas na frente. A ruína económica. A crise do tsarismo.

A guerra já durava há três anos. Levava milhões de vidas humanas, mortos, feridos, vítimas de epidemias por ela geradas. A burguesia e os latifundiários enriqueciam-se, mas os operários e os camponeses sofriam cada vez mais com a pobreza e as privações. A guerra destruiu a economia nacional da Rússia. Cerca de 14 milhões de trabalhadores sadios foram arrancados da produção e incorporados no exército. As fábricas e as empresas paravam. Diminuíam as sementeiras de cereais por falta de braços. A população e os soldados na frente passavam fome, não tinham calçado nem roupa. A guerra devorava todos os recursos do país.

¹⁸ Nikolai Vladímirovitch Rúzski (1854-1918), general ajudante-general de infantaria. Na I Guerra foi comandante em chefe do 3.º Exército e mais tarde comandante em chefe dos exércitos das frentes Norte e Noroeste. Fez parte da conspiração contra o tsar. Foi no seu estado-maior que o monarca assinou a sua renúncia ao trono em 2 de Março de 1917. (*N. do T.*)

O exército tsarista sofria derrota atrás de derrota. A artilharia alemã cobria com uma chuva de projecteis as tropas tsaristas, que tinham falta de canhões, munições e de espingardas. Por vezes só havia uma espingarda para três soldados. Já em plena guerra descobriu-se a traição do ministro tsarista da Guerra, Sukhomlínov,¹⁹ que se verificou estar ligado a espiões alemães. A mando da espionagem alemã, Sukhomlínov provocou a ruptura de munições na frente, suspendendo o envio de canhões e espingardas. Alguns ministros e generais tsaristas contribuíram pela calada para os êxitos do exército alemão: em convivência com a tsarina, que tinha ligações com os alemães, passavam-lhes segredos militares. Era pois previsível que o exército tsarista sofresse derrotas e fosse obrigado a recuar. Em 1916, os alemães já tinham conseguido ocupar a Polónia e uma parte das regiões do Báltico.

Tudo isto provocava o ódio e o exaspero dos operários, dos camponeses, dos soldados e dos intelectuais contra o governo tsarista, reforçava e agudizava o movimento revolucionário das massas populares contra a guerra e contra o tsarismo, tanto na retaguarda como na frente, tanto no centro e como na periferia.

O descontentamento começou também a generalizar-se entre a burguesia imperialista russa. A esta indignava-a o facto de a corte imperial ser dominada por espertalhões do género de Raspútine,²⁰ que apostavam claramente numa paz separada com os alemães. Estava cada vez mais convencida de que o governo tsarista era incapaz de conduzir uma guerra vitoriosa. Receava que o tsarismo, para salvar a sua situação, pudesse aceitar uma paz separada com a Alemanha. Por isso a burguesia russa decidiu levar a cabo um golpe palaciano para derrubar o tsar Nicolau II e substituí-lo por Mikhail Románov, que estava ligado à burguesia. Pretendia com isto matar dois coelhos de uma só vez: em primeiro lugar ascender ao poder e assegurar o prosseguimento da guerra imperialista; em segundo lugar prevenir através de um pequeno golpe palaciano o advento da grande revolução popular, cuja onda crescia.

Nesta matéria a burguesia russa era inteiramente apoiada pelos governos inglês e francês. Estes davam-se conta de que o tsar não era capaz de prosseguir a guerra, e receavam que acabasse por assinar uma paz separada com os alemães. Se a Rússia saísse da guerra os governos da Inglaterra e da França perderiam um aliado que não só desviava para as suas frentes forças do inimigo como também fornecia à França dezenas de milhares dos melhores soldados russos. Por isso apoiaram as tentativas da burguesia russa de levar a cabo um golpe palaciano.

O tsar estava portanto isolado.

Ao mesmo tempo que se multiplicavam os reveses na frente, a ruína económica agravava-se. Nos meses de Janeiro e Fevereiro de 1917 a crise de víveres, de matérias-primas e de combustíveis atingiu o seu ponto culminante. O aprovisionamento de Petrogrado e de Moscovo foi praticamente interrompido. Começaram a fechar fábricas umas atrás de outras, agravando o desemprego. A situação tornou-se particularmente insuportável para os operários. Massas populares cada vez mais amplas convenciam-se de que só havia uma saída para tal situação insuportável: o derrubamento da autocracia tsarista.

O tsarismo atravessava nitidamente uma crise mortal.

A burguesia pensou resolver a crise por via de um golpe palaciano.

Mas o povo resolveu-a à sua maneira.

¹⁹ Vladímír Aleksándrovitch Sukhomlínov (1848-1926), general de cavalaria, chefe do Estado Maior a partir de 1908, ministro da Guerra entre 1909 e 1915. Foi destituído em Junho e acusado de alta traição. Preso e expulso do exército em Maio de 1916, foi condenado a trabalhos forçados perpétuos. Todavia, em 1918 foi libertado devido à sua idade avançada, e emigrou, vindo a falecer em Berlim. (*N. do T.*)

²⁰ Grigóri Efímovitch Raspútine (verdadeiro apelido Nóvikh) (1869-1916), de origem camponesa, tornou-se o favorito do tsar Nicolau II e da sua mulher Aleksándra Fiodórovna, com quem se encontrou pela primeira vez em 1905 pela mão da hierarquia ortodoxa. Foi assassinado em Dezembro de 1916. Ocupou uma posição relevante na corte imperial, e muitos atribuíram-lhe uma influência decisiva nas decisões do monarca. (*N. do T.*)

5. A revolução de Fevereiro. A queda do tsarismo. A formação dos soviets de deputados operários e soldados. A formação do governo provisório. A dualidade de poderes.

O ano de 1917 começou com a greve de 9 de Janeiro, durante a qual se realizaram manifestações em Petrogrado, Moscovo, Baku e Nijni-Novgorod, sendo que em Moscovo cerca de um terço dos operários participou na greve. Na Avenida Tvérskaia, a polícia montada dispersou uma manifestação de duas mil pessoas. Em Petrogrado, os soldados juntaram-se aos manifestantes na estrada de Viborg.

«A ideia da greve geral» – relatou a polícia de Petrogrado – «ganha todos os dias novos adeptos e está a tornar-se tão popular como em 1905».

Os mencheviques e os socialistas-revolucionários esforçaram-se por enfiar o movimento revolucionário que despontava nos limites necessários à burguesia liberal. Em 14 de Fevereiro, dia da abertura da Duma Estatal, os mencheviques propuseram organizar um desfile de operários até ao edifício da Duma. Mas as massas operárias seguiram os bolcheviques, e não foram para a Duma mas em manifestação pela cidade.

Em 18 de Fevereiro de 1917 começou em Petrogrado a greve dos operários da fábrica *Putílov*. Em 22 de Fevereiro estavam em greve os operários da maioria das grandes empresas. No Dia Internacional da Mulher, 23 de Fevereiro (8 de Março), convocadas pelo Comité Bolchevique de Petrogrado, as operárias manifestaram-se nas ruas contra a fome, a guerra e o tsarismo. Esta manifestação foi apoiada por uma greve geral de operários na cidade. A greve política começou a transformar-se numa manifestação política geral contra o regime tsarista.

Em 24 de Fevereiro (9 de Março), esta manifestação ganha nova força com mais de 200 mil operários em greve.

Em 25 de Fevereiro (10 de Março), o movimento revolucionário tinha alastrado a todos os bairros operários de Petrogrado. As greves políticas nos diferentes bairros transformam-se numa greve geral política em toda a cidade. Por toda a parte há manifestações e confrontos com a polícia. Sobre as massas agitam-se bandeiras vermelhas com as inscrições: «Abaixo o tsar!», «Abaixo a guerra!», «Pão».

Na manhã de 26 de Fevereiro (11 de Março), a greve política e as manifestações começam a transformar-se numa tentativa de insurreição. Para se armarem, os operários desarmam a polícia e os gendarmes. Mas o confronto armado com a polícia termina com o fuzilamento dos manifestantes na Praça Známenskaia.

O general Khabálov,²¹ comandante da região militar de Petrogrado, havia intimado os operários a retomar o trabalho até 28 de Fevereiro (13 de Março), sob a ameaça de serem enviados para a frente. Por sua vez, em 25 de Fevereiro, o tsar tinha enviado a seguinte ordem ao general Khabálov: «*Exijo que amanhã impreterivelmente se ponha fim às desordens na capital*».

Mas já não era possível «pôr fim» à revolução.

Em 26 de Fevereiro (11 de Março), a 4.^a Companhia do Batalhão de Reserva do Regimento de Pavlóvski abriu fogo, não sobre os operários, mas contra os destacamentos da guarda montada envolvidos num tiroteio com os operários. As mulheres operárias empenharam-se particularmente em conquistar as tropas para o seu lado, contactando directamente com os soldados, confraternizando com eles, apelando-lhes a que ajudassem o povo a derrubar a odienta autocracia tsarista.

²¹ Serguei Semiónovitch Khabálov (1858-1924), major-general, foi designado comandante da Região Militar de Petrogrado em Junho de 1916. Em 27 de Fevereiro de 1917, dois dias depois de ter recebido ordens do tsar para pôr fim às desordens, Khabálov informa o monarca por telegrama que lhe é impossível restabelecer a normalidade na capital uma vez que a maioria das unidades se recusa a enfrentar os revoltosos, e outras tinham-se colocado ao lado deles apontando as suas armas contra as tropas fiéis ao regime. Em 28 de Fevereiro, Khabalov é preso e acusado de negligência criminosa. Após a Revolução de Outubro é libertado e muda-se para o Sul da Rússia. (*N. do T.*)

O trabalho prático do partido bolchevique era dirigido pelo Bureau do Comité Central do Partido, situado naquele tempo em Petrogrado, à frente do qual estava o camarada Mólotov. Em 26 de Fevereiro (11 de Março), o Bureau do CC divulgou um manifesto apelando ao prosseguimento da luta armada contra o tsarismo e à constituição de um governo provisório revolucionário.

Em 27 de Fevereiro (12 de Março), as tropas de Petrogrado recusaram-se a disparar sobre os operários e começaram a passar para o lado do povo revoltoso. Na manhã daquele dia havia apenas dez mil soldados sublevados, à noite eram já mais de 60 mil.

Os operários e soldados revoltosos começaram a prender os ministros e generais tsaristas, e a libertar os revolucionários das prisões. Os presos políticos libertados incorporaram-se na luta revolucionária.

Nas ruas ainda prosseguiam tiroteios com polícias e gendarmes, que tinham colocado metralhadoras em águas furtadas. Mas a rápida passagem das tropas para o lado dos operários decidiu do destino da autocracia tsarista.

Quando a notícia da vitória da revolução em Petrogrado chegou às outras cidades e à frente, os operários e os soldados começaram por toda a parte a expulsar os funcionários tsaristas.

A revolução democrático-burguesa de Fevereiro triunfara.

A revolução triunfara porque a classe operária tinha sido o seu batedor e encabeçava um movimento de milhões de camponeses, fardados de soldados, «pela paz, pelo pão, pela liberdade». A hegemonia do proletariado determinou o êxito da revolução.

«A revolução foi realizada pelo proletariado, ele deu provas de heroísmo, ele derramou sangue, ele arrastou atrás de si as mais amplas massas da população trabalhadora e pobre»,²² escreveu Lénine nos primeiros dias da revolução.

A primeira revolução, a revolução de 1905, tinha preparado o terreno para o rápido triunfo da segunda revolução, da revolução de 1917.

«Sem os três anos de formidáveis batalhas de classe e a energia revolucionária do proletariado russo, em 1905-1907, seria impossível uma segunda revolução tão rápida, no sentido de ter percorrido a sua etapa inicial em poucos dias»,²³ assinalava Lénine.

A revolução triunfante apoiou-se nos sovietes de deputados operários e soldados que surgiram logo nos primeiros dias, criados pelos operários e soldados revoltosos. A revolução de 1905 tinha mostrado que os sovietes são os órgãos da insurreição armada e, ao mesmo tempo, o embrião do novo poder revolucionário. A ideia dos sovietes vivia na consciência das massas operárias, e estas realizaram-na no dia seguinte ao derrube do tsarismo, com a diferença, no entanto, de que em 1905 foram criados sovietes unicamente de deputados *operários*, enquanto em Fevereiro de 1917, por iniciativa dos bolcheviques, surgiram os sovietes de deputados *operários e soldados*.

Enquanto os bolcheviques dirigiam directamente a luta das massas nas ruas, os partidos conciliadores, mencheviques e socialistas-revolucionários, ocuparam os lugares de deputados nos sovietes, estabelecendo neles a sua maioria. Para isto contribuiu em parte a circunstância de a maioria dos líderes do partido bolchevique se encontrar na prisão e no exílio (Lénine estava emigrado, Stáline e Sverdlov estavam deportados na Sibéria), enquanto os mencheviques e socialistas-revolucionários deambulavam livremente pelas ruas de Petrogrado. Os representantes dos partidos conciliadores, os mencheviques e os socialistas-revolucionários, puderam assim instalar-se à frente do Soviete de Petrogrado e do seu Comité Executivo. O mesmo aconteceu em Moscovo e numa série de outras cidades. Apenas em Ivánovo-Vosnessensk, Krasnoïarsk e algumas outras cidades os bolcheviques estiveram em maioria desde o início.

O povo armado, os operários e soldados, ao enviarem os seus representantes para o Soviete encaravam-no como o órgão do poder popular. Consideravam e acreditavam que o Soviete de

²² «Cartas de longe, Carta 2, O novo governo e o proletariado», 22 (9) de Março de 1917, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas em Seis Tomos, ed.cit.*, Lisboa, 1985, Tomo III, pág. 90. (N. do T.)

²³ «Cartas de longe, Carta 1, A primeira etapa da revolução», 7 de Março (20) de 1917, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas em Três Tomos, ed. cit.*, Lisboa, 1981, Tomo II, pág. 79. (N. do T.)

Deputados Operários e Soldados realizaria todas as reivindicações do povo revolucionário, e que em seu primeiro lugar iria concluir a paz.

Mas a credulidade excessiva dos operários e soldados pregou-lhes uma partida. Os socialistas-revolucionários e mencheviques não pensavam sequer em pôr fim à guerra e obter a paz. O que planeavam era utilizar a revolução para prosseguir a guerra. No que respeita à revolução e às reivindicações revolucionárias do povo, os socialistas-revolucionários e os mencheviques consideravam que a revolução estava terminada, e que a tarefa agora era consolidá-la e enveredar por uma via de «normal» coexistência constitucional com a burguesia. Por isso a direcção socialista-revolucionária-menchevique do Soviete de Petrogrado tomou todas as medidas que dependiam de si para abafar a questão do fim da guerra, a questão da paz, e para entregar o poder à burguesia.

Em 27 de Fevereiro (12 de Março) de 1917, os deputados liberais da Duma, na base de um entendimento de bastidores com os líderes socialistas-revolucionários e mencheviques, formaram o Comité Provisório da Duma de Estado, encabeçado pelo presidente da IV Duma, o latifundiário monárquico Rodzianko.²⁴ Alguns dias depois, o Comité Provisório da Duma e os líderes socialistas-revolucionários e mencheviques do Comité Executivo do Soviete de Deputados Operários e Soldados, à revelia dos bolcheviques, chegaram a acordo sobre a formação de um novo governo na Rússia: o governo provisório burguês presidido pelo príncipe Lvov,²⁵ o qual antes do golpe de Fevereiro já tinha sido apontado pelo tsar Nicolau II como seu futuro primeiro-ministro. Na composição do governo provisório entraram o líder dos *kadetes*, Miliukov,²⁶ o chefe dos outubristas, Gutchkov,²⁷ e outros destacados representantes da classe dos capitalistas. O socialista-revolucionário Kérenski²⁸ foi incluído na qualidade de representante da «democracia».

Aconteceu assim que os líderes socialistas-revolucionários e mencheviques do Comité Executivo do Soviete entregaram o poder à burguesia, e o Soviete de Deputados Operários e Soldados, ao saber disto mais tarde, aprovou com a sua maioria as acções daqueles líderes, não obstante os protestos dos bolcheviques.

²⁴ Mikhail Vladímirovitch Rodzianko (1859-1924), de origem nobre, grande latifundiário, foi presidente da III e IV Duma e do Comité Provisório da Duma de Estado entre Fevereiro e Março de 1917, conduzindo as conversações para a formação do governo provisório no qual não participa, mantendo-se como presidente da Duma até à sua dissolução em Outubro. Após a revolução socialista ajudou a organizar a contra-revolução branca, acabando os dias emigrado na Jugoslávia. (*N. do T.*)

²⁵ Gueórgui Evguénevitch Lvov (1861-1925), príncipe, deputado da I Duma pelos *kadetes* e outubristas, foi presidente do Comité das Uniões de *Zemstvos* e de Cidades. Após Fevereiro de 1917 torna-se presidente do governo provisório, ocupando ainda a pasta dos Assuntos Internos. Em Junho demite-se de todos os cargos governamentais. Na sequência da Revolução de Outubro parte para a Sibéria e depois para o estrangeiro, vindo a falecer em Paris. (*N. do T.*)

²⁶ Pável Nikoláievitch Miliukov (1859-1943), de origem nobre, conhecido historiador, foi um dos líderes da ala democrática do liberalismo russo. Fundador do Partido Constitucional-Democrata (*Kadet*, segundo a abreviatura russa), liderou-o durante toda a sua existência. Entre Março e Maio de 1917 foi ministro dos Negócios Estrangeiros do governo provisório. Após a vitória da revolução de Outubro partiu para o sul da Rússia para organizar o movimento contra-revolucionário. Abandona o país no final de 1918 e torna-se uma das figuras de proa da emigração russa em Paris. (*N. do T.*)

²⁷ Aleksandr Ivánovitch Gutchkov (1862-1936), capitalista russo, líder dos outubristas, deputado desde 1910, foi presidente da III Duma de Estado e presidiu, entre 1915 e 1917, ao Comité Central da Indústria Militar. No governo provisório foi ministro da Guerra e do Mar. Foi um dos organizadores da revolta de Kornílov em Agosto de 1917. Em 1919 emigra vindo a falecer em Paris. (*N. do T.*)

²⁸ Aleksandr Fiódorovitch Kérenski (1881-1970), de origem nobre, foi ministro e ministro-presidente do governo provisório. Um dos líderes da maçonaria russa, emigrou em 1918 para França e instalou-se nos EUA em 1940, desenvolvendo uma intensa actividade anti-soviética. Faleceu em Nova Iorque.

Assim surgiu o novo poder estatal na Rússia composto, como disse Lênine, por representantes da «*burguesia e dos latifundiários aburguesados*». ²⁹

Mas ao lado do governo burguês existia outro poder – o Soviete de Deputados Operários e Soldados. Os deputados soldados do Soviete eram principalmente camponeses mobilizados para a guerra. O Soviete de Deputados Operários e Soldados constituía o órgão da aliança dos operários e camponeses contra o poder tsarista, e ao mesmo tempo o seu órgão de poder, o órgão da ditadura da classe operária e do campesinato.

Daqui resultou uma singular sobreposição de dois poderes, de duas ditaduras: a ditadura da burguesia, representada pelo governo provisório, e a ditadura do proletariado e dos camponeses, representada pelo Soviete de Deputados Operários e Soldados.

Chegou-se assim à *dualidade* de poderes.

Como se explica que nos Sovietes tenha havido no início uma maioria de mencheviques e de socialistas-revolucionários?

Como se explica que os operários e os camponeses vitoriosos tenham entregado *voluntariamente* o poder aos representantes da burguesia?

Lênine explicou isto pela circunstância de milhões de homens sem experiência política terem despertado e sido atraídos para a política. Em grande parte eram pequenos proprietários, camponeses, operários recentemente saídos do campesinato, pessoas que estavam entre a burguesia e o proletariado.

A Rússia era então o mais pequeno-burguês de todos os grandes países europeus. Neste país, «*uma gigantesca onda pequeno-burguesa inundou tudo, dominou o proletariado consciente, não só pelo seu número, mas também ideologicamente, isto é, contaminou e arrastou com as suas concepções políticas pequeno-burguesas círculos muito amplos de operários*». ³⁰

Esta onda incontrolável pequeno-burguesa trouxe ao de cima os partidos pequeno-burgueses e socialistas-revolucionários.

Lênine indicou que uma outra razão foi a alteração da composição do proletariado durante a guerra e o insuficiente nível de consciência e de organização do proletariado no começo da revolução. Durante a guerra a composição do proletariado sofreu alterações significativas. Cerca de 40 por cento dos quadros operários foram mobilizados para o exército. Durante a guerra muitos pequenos proprietários, artesãos e pequenos comerciantes, com uma psicologia distinta da proletária, entraram para as fábricas com o objectivo de escapar à mobilização.

Estas camadas operárias pequeno-burguesas foram terreno fértil para os políticos pequeno-burgueses, mencheviques e socialistas-revolucionários.

Eis porque as grandes massas do povo sem experiência política, invadidas pela incontrolável onda pequeno-burguesa e inebriadas com os primeiros êxitos da revolução, se deixaram cativar pelos partidos conciliadores e aceitaram ceder o poder de Estado à burguesia, supondo ingenuamente que o poder burguês não impediria os soviets de realizar o seu trabalho.

Ante o partido bolchevique colocou-se a tarefa de realizar um trabalho persistente de esclarecimento junto das massas para lhes mostrar o carácter imperialista do governo provisório, denunciar a traição dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques, e demonstrar que não era possível alcançar a paz sem a substituição do governo provisório pelo governo dos soviets.

O partido bolchevique empenhou-se nessa tarefa com toda a sua energia.

O partido reconstituiu os seus órgãos de imprensa legais. Apenas cinco dias após a Revolução de Fevereiro, o *Pravda* começou a ser publicado em Petrogrado, e alguns dias mais tarde surgiu em Moscovo o *Sotsial-Demokrat*. O partido encabeça as massas que perdem a confiança na burguesia liberal, nos mencheviques e nos socialistas-revolucionários. Com persistência esclarece os soldados e os camponeses sobre a necessidade de acções conjuntas com a classe operária. Esclarece-os de

²⁹ «As Tarefas do Proletariado na Nossa Revolução (projecto de plataforma do partido proletário)», 10 (23) de Abril de 1917, V.I. Lênine, *Obras Escolhidas em Três Tomos*, ed. cit., Lisboa, 1981, Tomo II, pág. 23. (*N do T.*)

³⁰ Idem, ibidem, pág. 26. (*N. do T.*)

que os camponeses não obteriam a paz nem a terra sem o desenvolvimento ulterior da revolução, sem a substituição do governo provisório da burguesia pelo governo dos soviets.

Breves conclusões

A guerra imperialista eclodiu em razão da desigualdade do desenvolvimento dos países capitalistas, da ruptura do equilíbrio entre as principais potências, da necessidade dos imperialistas de procederem a uma nova partilha do mundo por via da guerra e estabelecerem um novo equilíbrio de forças.

A guerra não teria adquirido um carácter tão destruidor, e talvez mesmo não tivesse deflagrado com tais proporções, se os partidos da II Internacional não tivessem traído a causa da classe operária, se não tivessem violado as resoluções dos congressos da II Internacional contra a guerra, e se tivessem decidido intervir activamente e mobilizar a classe operária contra os seus próprios governos imperialistas, contra os incendiários da guerra.

O partido bolchevique revelou-se o único partido proletário que se manteve fiel à causa do socialismo e do internacionalismo e que organizou a guerra civil contra o seu próprio governo imperialista. Todos os demais partidos da II Internacional, ligados à burguesia através das suas cúpulas dirigentes, revelaram-se reféns do imperialismo e desertaram para o campo dos imperialistas.

Sendo o reflexo da crise geral do capitalismo, a guerra agudizou esta crise e enfraqueceu o capitalismo mundial. Os operários da Rússia e o partido bolchevique foram os primeiros no mundo que aproveitaram com êxito a fraqueza do capitalismo, romperam a frente imperialista, derrubaram o tsar e criaram os soviets de deputados operários e soldados.

Inebriadas pelos primeiros êxitos da revolução e confiantes nas promessas dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários de que tudo correria bem daí em diante, as amplas massas da pequena burguesia, dos soldados e inclusive dos operários, embebidas de confiança no governo provisório, deram-lhes o seu apoio.

Perante o partido bolchevique colocou-se a tarefa de explicar às massas de operários e soldados, inebriadas pelos primeiros êxitos, que a vitória completa da revolução estava longe, que enquanto o poder estivesse nas mãos do governo provisório da burguesia, e os soviets fossem dominados pelos conciliadores, os mencheviques e os socialistas-revolucionários, o povo não obteria a paz, nem a terra, nem o pão, que era necessário para a vitória completa dar um passo em frente e entregar o poder aos soviets.